

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
ALLAN DWAN
7 e 27 de janeiro de 2022

GETTING GERTIE'S GARTER / 1945

(O Que Podem Umas Pernas)

um filme de Allan Dwan

Realização: Allan Dwan / **Argumento:** Allan Dwan e Karen De Wolf, segundo uma peça de Wilson Collison e Avery Hopwood / **Diálogo Adicional:** Joe Bigelow / **Fotografia:** Charles Lawton Jr / **Montagem:** Walter Hannemann e Truman K. Wood / **Intérpretes:** Dennis O'Keefe (Ken), Marie McDonald (Gertie), Barry Sullivan (Ted), Binnie Branes (Barbara), Sheila Ryan (Patty), J. Carrol Naish (Charles, o mordomo), Jerome Cowan (Billy), Vera Marshe (Anna, a criada), Donald T. Beddoe (Clancy), Frank Fenton (Winters), Richard Le Grand (Dr. Clark).

Produção: Edward Small, para a United Artists / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 16mm, preto e branco, com legendagem eletrónica em português, 72 minutos / **Estreia Mundial:** 21 de Novembro de 1945 / **Estreia em Portugal:** Eden, em 10 de Setembro de 1948.

Getting Gertie's Garter foi o penúltimo dos cinco filmes que Allan Dwan realizou para Edward Small. Para além da típica produção B em que se inscreve, este filme tem a particularidade de se tratar de uma nova versão de um filme mudo, inspirada numa peça popular e, como as restantes, várias vezes adaptada ao cinema. A primeira adaptação de **Getting Gertie's Garter** data de 1927, foi realizada por E. Mason Hopper e tinha como intérpretes Marie Prevost e Charles Ray, tendo recebido entre nós o título de **A Liga de Miss Ruth**. Houve ainda, antes da incursão de Dwan, uma outra adaptação, esta em Inglaterra, a cargo de Jack Raymond e com Sidney Howard e Winifred Shotter, feita em 1933. Como nas restantes adaptações, Dwan pouco alterou dos argumentos originais mantendo, inclusive, a sua estrutura teatral.

Para além desta aproximação entre os filmes que Dwan dirigiu para Small, **Getting Gertie's Garter**, tem uma outra, muito mais próxima, com **Up in Mabel's Room**. Tal como foi sublinhado por Luís Miguel Oliveira na folha deste filme, cada um deles parece um duplicado, ou uma variação da mesma história: a de um homem casado procurando esconder da mulher um "pecadilho" pré-matrimonial. Mas o argumento de **Getting Gertie's Garter** (a partir da peça homónima de Wilson Collison e Avery Hopwood, estreada em Nova Iorque a 1 de Agosto de 1921) é mais propício a um tratamento que aproxima o filme das clássicas "screwball comedies" e, em particular, as dirigidas por Howard Hawks. De facto Dennis O'Keefe (uma espécie de Cary Grant de série B, injustamente subvalorizado, que conhecemos de filmes como **Hangmen Also Die/Os Carrascos Também Morrem**, de Fritz Lang, **The Leopard Man/O Homem Leopardo**, de Jacques Tourneur e **The Story of Dr. Wassell/Pelo Vale**

das Sombras, de Cecil B. DeMille, e das pequenas obras primas de Anthony Mann, **Raw Deal/Destino em Segunda Mão** e **T-Men/Moeda Falsa**, e que na década de 50 trabalhou quase sempre para a televisão, destino inevitável da referida série B) compõe, de forma irresistível, o típico “professor distraído”, avatar do Cary Grant de **Bringing Up Baby/Duas Feras** e **Monkey Business/A Culpa Foi do Macaco**, e mesmo do Gary Cooper de **Ball of Fire/Bola de Fogo**, não sendo indigno dos seus modelos. Veja-se, por exemplo, o começo do filme com os gags construídos à volta das suas distrações, trocando o chapéu pelos óculos, metendo o cachimbo num bolso e o rato noutra, confusões que na parte final do filme, na confusão total em que todos andam atrás da famosa liga de Gertie, atinge o nível do de um delírio que Hawks não enjeitaria.

Dennis O’Keefe é o doutor Kenneth B. Ford que, num hospital de Boston, se entrega à pesquisa de um novo anestésico e que ao mesmo tempo que é convidado a ingressar na Sociedade de Pesquisa Científica, recebe a visita de um agente de investigação a propósito de uma compra que terá feito anos antes, numa joalheria, agora investigada pela polícia. A compra fora, nem mais nem menos, do que uma liga, ornamentada de pedras preciosas, para oferta à sua namorada de então, Gertie (Marie MacDonald, ao tempo conhecida com “The Body”, e percebe-se porquê), agora comprometida com o seu melhor amigo, o advogado Ted Dalton (Barry Sullivan). O problema, agora, para Kenneth é convencer Gertie a entregar-lhe a liga sem que a sua mulher disso tome conhecimento. Este é o ponto de partida de todas as confusões que se vão seguir. Porque, como nas clássicas comédias da época, o problema das confusões é a questão “moral”. Os jogos de confusão e trocadilhos destas comédias clássicas derivam sempre da impossibilidade, em termos narrativos (questões de censura, etc.), de se dizerem determinadas palavras ou de se exporem certas situações. O que se poderia resolver rapidamente é, deste modo, alongado para uma série de equívocos e situações por vezes escabrosas. O problema de Kenneth vai agravar-se face às desconfianças da mulher ciumenta e, por contágio, aos outros casais, Gertie e o noivo, a irmã deste, Barbara (Binnie Barnes, que nesse mesmo ano seria a pirata Anne Boney em **The Spanish Main/O Terror dos Sete Mares**, de Frank Borzage) e o marido (na irresistível cena do celeiro), e inclusive, o mordomo (que quer explorar a situação em proveito próprio) e a mulher. A narrativa faz-se num ritmo acelerado que não dá tempo ao espectador de descansar e Dawn explora de forma hábil os poucos cenários em que a acção decorre, tirando das sequências finais, na casa de campo de Barbara com o celeiro, numa série de cruzamentos e fugas de personagens que inclusive lembram os mais loucos desenhos animados da Warner.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico